

Percursos Historiográficos e fontes orais: elementos para uma discussão¹

Historiographical trajectories: elements for discussion

Rejane Penna*

Resumo: A partir dos anos 70, percebeu-se uma renovação nos trabalhos envolvendo História. Novas temáticas foram abordadas e temas tradicionais enfocados sob perspectivas inovadoras. O processo foi acompanhado pela ampliação da noção de fonte histórica, considerando-se diversos vestígios como válidos para auxiliar na interpretação. Dessa forma, as fontes orais, recusadas por muito tempo pela historiografia tradicional, tomaram, pouco a pouco, espaço privilegiado na nova historiografia. Atualmente, grupos nas universidades e instituições públicas e privadas utilizam de forma intensa esse tipo de fonte. O presente trabalho busca esclarecer se a ampliação do número de pesquisadores que se envolveram com as fontes orais e utilizaram os resultados obtidos em suas pesquisas foi acompanhada, no mesmo nível, pelo aprofundamento metodológico, implicando em avanços reais na discussão historiográfica.

Palavras-chave: historiografia, fontes orais, metodologia

Abstract: After the 1970's, there has been a marked renovation in researches involving history. New themes have been approached and traditional themes have been focused on under innovative perspectives. The process is accompanied by the amplification of the notion of historical source and all the remains are valid in order to assist historical interpretation. Oral sources, which had been rejected by traditional historiography for a long time, have slowly gained space in the new regional history. Nowadays, researches involving groups in universities and public and private institutions use intensely this type of source. this work aims at clarifying if the increase in the number of researchers that got involved with oral sources and made use of results obtained in their researches was accompanied by a methodological deepening, which would implicate in real advances in the historiographic discussion.

Key words: historiography, oral sources, methodology

¹ O presente artigo é um recorte de minha tese de doutorado intitulada “Fontes orais e historiografia do Rio Grande do Sul – novas perspectivas ou falsos avanços”, orientada por Núncia Constantino e defendida em 2002, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Historiógrafa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e Professora do Curso de História do Centro Universitário La Salle; *e-mail*: rejanepenna@uol.com.br.

1. Novos rumos para a escrita da História

A utilização de testemunhos orais (doravante denominados de fontes orais) como recurso na reconstrução histórica tem suscitado tensões e descortinadas possibilidades, desde a sua primeira experiência como atividade organizada, até sua consolidação no campo do saber. Mesmo trabalhos envolvendo nomes conceituados são alvo de críticas, questionando a credibilidade dessa fonte e a sua utilização em pesquisas relevantes.

Um olhar sobre a trajetória da reflexão histórica demonstra que a desconfiança com as fontes orais é relativamente recente. Apenas nos séculos XII e XIII os documentos escritos começaram a substituir o testemunho oral, repercutindo na compreensão das Escrituras, dos sacramentos e da natureza.

O retorno da utilização do testemunho oral na historiografia, já no século XX, pode ser melhor compreendido frente ao impulso importante que ocorreu com o fortalecimento de tendências e correntes que influenciaram muitos historiadores a ampliar, não só o objeto a ser pesquisado, como a noção de fonte histórica.

Mas não há unanimidade quanto às possibilidades de inserção das fontes orais em pesquisas relacionadas à História ou áreas afins. Diversos levantamentos sobre História e Historiografia reconhecem a crescente utilização das fontes orais, ao mesmo tempo que apontam a insuficiência de propostas ou soluções para o enfrentamento dos desafios que apresentam.

De acordo com algumas análises (Becker, 1996:29), existiria no comportamento dos homens algo de incomunicável, de inapreensível, sendo questionável se o historiador que utilizasse fontes orais conseguiria reduzir ou lidar com essa parte incognoscível. Além disso a pesquisa sofreria dificuldades com o fato de que as pessoas não falam em nome de um grupo, mas em seu próprio nome.

Até os mais acirrados defensores da utilização de fontes orais reconhecem que existem problemas quanto à fidedignidade dos vários trabalhos que as utilizam. Há um sério questionamento sobre a possibilidade de atingir-se um nível elevado historiográfico com este tipo de fonte, além de dúvidas se a sofisticação teórica possa tornar-se acessível e útil à prática e que a utilização das fontes orais torne-se menos militante ou ateórica.

Outras críticas apontam que a História Oral está auto-indulgentemente preocupada com questões tangenciais, além de enclausurar-se na irrelevância da pequena escala. Os defensores das fontes orais rebatem que este é um argumento defasado frente às discussões atuais no campo da História. Na verdade, é praticamente consenso que a partir de um recorte é possível discutir-se questões de grande abrangência, bem como testar-se metodologias.

As dificuldades com este tipo de fonte relacionam-se à natureza da matéria-prima utilizada pelo historiador, já que a oralidade traduzida em relatos, histórias de vida, tradições, narrações, recordações, memória e esquecimentos é elemento subjetivo de difícil manejo.

A série de questionamentos e problemas a serem enfrentados pelo pesquisador que utiliza as fontes orais é peculiar e diferenciada das fontes escritas. Inicia na própria elaboração da entrevista, quando ocorre uma complexa produção de documentos, envolvendo intersubjetividade e construção de evidências históricas.

Logo, toda entrevista exige uma operação que requer grande esforço, unindo sensibilidade, disciplina e competência técnica. O pesquisador estimula o afloramento aberto e dialético do ato de recordar do depoente, ao mesmo tempo, recolhe elementos para a análise.

Por vezes, dadas às dificuldades em obter sucesso na complexidade da tarefa e devido à desinformação, ou concepções equivocadas sobre as fontes orais,

as entrevistas constituem-se em fontes para preencher lacunas de pesquisas. Desta forma, muitos trabalhos publicados não deram a atenção devida à análise sistemática dos usos e limites das fontes orais, deixando de lado a discussão de questões metodológicas relevantes. Alguns resolveram a problemática das fontes orais considerando-as, apenas, visões diversas, recriações, imaginários, bastando ao historiador cotejá-las e publicá-las.

Os obstáculos é o preço a pagar pelos pesquisadores que optam pela utilização das fontes orais, exclusivamente ou não, em suas estratégias de pesquisa. Inserindo o discurso do depoente, buscam cumprir a ambiciosa meta de reconstruir a experiência social em sua complexidade. Isso implica em problemas que se somam aos anteriormente citados, pois a decisão de pesquisa acarreta em lidar com elementos numerosos e complexos, os quais inserem-se em um sistema de experiências coletivas, constituintes do grupo ou comunidade objetos da investigação histórica.

Independente das dificuldades brevemente cotejadas em relação à inserção das fontes orais no trabalho historiográfico, percebe-se que, desde os anos setenta do século XX, um significativo número de publicações na área da História inseriu as polêmicas fontes, já que diversas tendências teóricas direcionaram os historiadores a esse desafio. E mesmo que muitos procurem ignorar os novos tempos, aumenta o número daqueles que cogitam, ou, efetivamente, utilizam as fontes orais, atendendo a uma demanda crescente por informações e análises sobre o tempo presente.

Dessa forma, o trabalho com as fontes orais ocupa espaço privilegiado no conjunto mais amplo de estudos inovadores na História. O que não se sabe é o quanto o esforço em recuperar a experiência e o ponto de vista, a partir de depoimentos, provoca

um impacto revisionista sobre os conceitos de processo e explicação históricos.

Persistem dúvidas se a ampliação do seu espaço representa uma renovação historiográfica, cabendo então direcionar o foco da análise, objetivando chegar-se a algumas conclusões.

Dada a abrangência da problemática, concentram-se as tentativas de resposta em um recorte espaço-temporal: a historiografia do Rio Grande do Sul, a partir dos anos oitenta, tempo suficiente para avaliar transformações.

No Rio Grande do Sul, a modernização da escrita da História padeceu de dificuldades especiais, tendo em vista a adaptação do positivismo às práticas do poder local, bastante estudada e conhecida como castilhismo.

Sua influência na escrita da História foi confusa. Em termos gerais, pode ser detectada pela busca incessante da construção de heróis e mitos fundadores, bem como no caráter de isenção do historiador. Dessa forma, dava-se grande importância aos documentos, ditos “neutros”, porque oficiais, a registrar e reafirmar atos de figuras emblemáticas, relacionadas de forma privilegiada às estruturas do poder vigente¹.

Mais tarde, o questionamento de uma historiografia dita conservadora, no Rio Grande do Sul, seguiu a dinâmica do restante do Brasil. No decorrer da metade da década de setenta, alguns historiadores ou-saram trabalhar novos objetos, ou ainda visitar temas sob outros paradigmas.

As diversas formas de penetração da nova historiografia no interior, ocorreram, predominantemente, por intermédio da introdução dos recém-formandos das grandes universidades, como professores nesses cursos superiores. Também contribuiu

¹ Esse processo, com a apresentação de matrizes ideológicas que puderam ser identificadas na formação e tratamento dos temas, bem como o contexto que influenciou a produção local, foram abordados no trabalho de IEDA GUTFREIND (1992) tendo, inclusive, servido de modelo aos raros trabalhos que se seguiram sobre abordagem historiográfica.

a contratação de educadores prestigiados que se aposentavam, preservando sua capacidade de trabalho e projetos de continuidade da vida acadêmica. Estes, introduziram referenciais de qualidade nas antes pouco legitimadas universidades ou faculdades do interior, predominantemente do ramo privado, abrindo caminho para que surgissem novos cursos de pós-graduação fora da capital, bem como para que fosse renovada a abordagem de temas locais. Nesse processo, muitas vezes utilizaram-se as fontes orais para compor novas narrativas com atores diversificados.

Uma das conseqüências foi o questionamento da historiografia local, principalmente, no que se referia às publicações a respeito da trajetória das cidades, lugar ocupado, quase que sem contestações anteriormente, pelos memorialistas do lugar. Paralelamente, acompanhando a mobilização de vários segmentos da sociedade brasileira, multiplicaram-se as publicações sobre trajetórias de grupos classificados por sexo, atividade profissional, local de moradia e integrantes de processos históricos específicos, entre outros, com as fontes orais tendo lugar privilegiado no tipo de historiografia que surgia.

Como foi utilizado o material das entrevistas? Contribuiu para que as obras trouxessem à tona novas problematizações ou informações? As fontes orais apenas diversificaram as vozes da História, permanecendo sub-utilizadas ou reafirmaram perspectivas tradicionais?

Estas dúvidas integram a problemática de investigar se, efetivamente, a utilização das fontes orais na escrita da História do Rio Grande do Sul proporcionou avanços reais ou uma falsa modernização. Tal questionamento tão-só pode ser respondido por intermédio de um levantamento que incorpore diversas categorias de trabalhos, analisados por meio de uma metodologia que abranja a complexidade da tarefa.

Para tanto, foram selecionados trabalhos que utilizaram fontes orais, majoritariamente ou não, analisando sua inserção, a forma como foram trabalhadas e as conseqüências geradas, procurando identificar limitações e avanços².

A seleção obedeceu ao critério de inserir livros publicados recentemente na área da História (a partir dos anos oitenta), originados de autores com formação diversificada, trabalhando a memória de grupos profissionais, étnicos, ou com alguma forma comum de identificação, como sexualidade, experiência histórica, dentro do recorte temporal proposto.

2. Operacionalização de análise dos trabalhos

Para possibilitar a análise qualitativa dos conteúdos integrantes dos textos, construíram-se categorias em que os elementos identificadores das diretrizes dos trabalhos pudessem estar contidos.

O processo de construção das categorias teve como pressuposto que estas deveriam servir para entender o texto, levando o contexto em consideração, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem e, principalmente, o tratamento da fonte oral.

A estrutura do modelo de análise baseou-se no pressuposto de que a comunicação compõe-se de alguns elementos básicos: a fonte, o processo codificador, que resulta em uma mensagem e um receptor. Esta classificação baseia-se numa definição original de Lasswell (1952:505-520), que caracteriza a comunicação a partir de seis questões: Quem fala? Para dizer o quê? A quem? De que modo? Com que finalidade? Com que resultado?. Utilizando esta definição, pode-se categorizar os objetivos da análise qualitativa de texto de acordo com a orientação que toma em relação a estas seis questões.

² Todos os trabalhos analisados têm sua identificação completa ao final, nas referências bibliográficas.

Trabalhando com estes elementos, direcionou-se a análise partindo do princípio de que o produtor da mensagem seleciona seu conteúdo, por considerar este ou outro elemento mais importante, fazendo parte do seu sistema de crenças e referências, relacionados à determinada orientação teórica.

As categorias-base foram desenvolvidas levando em consideração a especificidade da pesquisa, subdividindo a análise de cada trabalho escolhido em duas etapas: a) informações gerais sobre o trabalho e b) tratamento das fontes orais.

Após o mapeamento por item das informações gerais, cruzaram-se os resultados com a tabela referente ao tratamento das fontes orais, procurando reve-

lar de que forma determinado tipo de obra utilizou-as. Na produção das fontes orais estudadas, comparando os itens, agrupados de acordo com as hipóteses iniciais, foi facilitada a análise do panorama da utilização das fontes orais em trabalhos de História do Rio Grande do Sul, pois as inferências³ possibilitaram ir além da mera descrição do conteúdo, já que o fundamental foi relacioná-los.

Nesse sentido, busca-se verificar as limitações e os avanços na utilização das fontes orais, analisando formas diferenciadas no tratamento das mesmas, que deverão ser combinadas e reunidas às informações gerais do trabalho, possibilitando uma visão abrangente da forma final de inserção das fontes orais no estudo.

Itens	Item 1 - Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul	Item 2 - Mucker - Fanáticos ou vítimas?	Item 3 - Entre o passado e o desencanto
Ano	1984	1996	1983
Instituição	Privada	Privada	Privada
Autor	Moysés Eizirik	Antonio M.Galvão e Vilma Guerra	Luis De Boni e Nelci E.Gomes
Objetivos	"(...) descrever aspectos da vida judaica em Porto Alegre e no interior do Estado, desde os idos de 1900, quando chegaram os primeiros imigrantes para o Rio Grande do Sul, até as primeiras décadas deste século. (p.11)	Contar uma história mais fidedigna: "Hoje, após pesquisas em documentos oficiais e familiares, conversas com pessoas e aplicação da crítica à história, constata-se que, também esta, foi uma história mal contada". (p.67)	Analisar a economia da colônia italiana, até a metade do século XX
Categoria	Edição normal	Edição normal	Edição normal
Bibliografia	Livros de história e um respeito de memória.	História, Antropologia, Filosofia, Literatura e Psicologia	Não há bibliografia
Orientação teórica	Fatos expostos com ênfase em nomes e datas. Narrativa linear. Ex.: A seguir, a Sra. Lisete Russowsky cortou a fita simbólica, dando assim por inaugurado o salão. Logo após realizou-se a cerimônia da transferência ...". (p.40)	Pretende efetuar uma releitura mais interpretativa e, sobretudo, especulativa. Específica sobre fontes orais: "Ora, uma narrativa (eine erzählung) não é história no strictu sensu da palavra e pode, através da fantasia, expor idéias próprias do autor, enfeitando, criticando ou omitindo acontecimentos, de acordo com as ideologias da época (p.32)	O livro contém apenas as entrevistas. No entanto, por intermédio da apresentação cotejam-se elementos: "(...) interesse ou - me a possibilidade de colocar os alunos em contato com pessoas que, de um modo ou outro, fizeram a história da região". (p.7).

³ Produzir inferências, compreendido como comparar dados obtidos na leitura do discurso, com os diferentes pressupostos teóricos e com a situação concreta dos seus produtores, momento histórico e contextual da produção. A ampliação dessa idéia direcionada ao historiador pode ser encontrada em um trecho de CONSTANTINO, 2002: 182-194.

A quem	Público em geral	Público em geral	Estudantes e público em geral
Itens	Item 4 - A Legalidade	Item 5 - Colonos, carreteiros & comerciantes ⁵	Item 6 - Rio Grande do Sul: quatro séculos de história ⁶ . Artigo "Sangue, suor e lágrimas - narrativas da colonização italiana em Santa Maria".
Ano	1988	2002	1999
Instituição	Privado	Privado	Privado
Autor	Joaquim José Felizardo	João Carlos Tedesco	Júlio Quevedo (org.). Maria Catarina Zanini (autora do artigo) ⁷
Objetivos	Analisar o episódio da Legalidade	"Nossa preocupação é perceber elementos internos daquilo que chamaríamos de sistema de relações de trabalho ligado aos instrumentos de transportes, organizadores da vida do colono nas primeiras décadas do século XX"(p.15)	"(...) apresentar narrativas de descendentes de imigrantes italianos acerca do processo de imigração e de colonização efetuado por seus antepassados". (p.259)
Categoria	Livro comum	Livro comum	Livro comum
Bibliografia utilizada	História e política	História (a maior parte), antropologia e memória	História e estudos da Memória
Orientação teórica	Ao longo do texto percebe-se vários indícios de tratar-se de um autor com formação marxista. "Os centros urbanos e operários não tinham ainda força para derrubar os conservadores, cujo maior eixo de apoio dava-se na zona colonial, na região do minifúndio agrícola, de aldeias e vilas inexpressivas, da 'idiotia rural' alimentada pelo reacionarismo". (p.27)	"Concordamos com Braudel quando diz que jamais existe entre passado, mesmo o passado longínquo, e tempo presente uma ruptura total, uma descontinuidade absoluta ou, se preferirem, uma não-contaminação. O vivido no passado, suas experiências, não cessa de prolongar-se na vida recente, e, o que é mais importante, de a fecundar". (pp 13-14)	"(...) a memória é sempre e, ao mesmo tempo, individual e coletiva e que os indivíduos absorvem o passado e suas vivências de acordo com cristais psicológicos próprios. Ou seja, a história é uma construção coletiva, mas a interpretação desta particulariza-se, mesmo que as representações contidas nessas particularizações sejam, também, frutos sociais". (p.259)
A quem	Público em geral	Público acadêmico e culto, em geral	Público acadêmico e culto, em geral

⁴ Apesar da formação sociológica, pelas fontes, tema e referencial teórico, constitui-se em um trabalho de História do Rio Grande do Sul.

⁵ O livro é composto de 23 artigos, versando sobre diversos temas da história do Rio Grande do Sul. Cerca de 10 trabalham o século vinte. Apenas um utiliza as fontes orais. A autora do artigo, "A presença libanesa no Rio Grande do Sul," NEIDA REGINA CECCIM MORALES (pp275-288) escreve que, no futuro da pesquisa pretende utilizar as fontes orais:

⁶ Novamente a questão da identidade do trabalho. Considera-se um trabalho de história do Rio Grande do Sul, partindo de seus objetivos e referencial teórico e não da formação do autor.

3- Mapeamento dos trabalhos

a) Informações Gerais sobre os Trabalhos

Pela análise da bibliografia utilizada (exceto item 3, em que não é relacionada), todos os autores têm noções da História, Antropologia e, no caso dos itens 1, 5 e 6, leituras sobre a questão da memória, o que revelou preocupações em instrumentalizar-se para compreender os depoimentos.

Percebeu-se uma grande variedade de referenciais teóricos, nem sempre facilmente detectáveis, mas, por vezes, evidenciando a linha que conduziu o trabalho. No caso do item 4, contou-se com uma interpretação marxista; já no item 5, discorreu-se a respeito de uma das mais conhecidas teses de Fernand Braudel, a respeito de tempo e história: as estruturas de longa duração.

O item 6 enfatizou aspectos referentes à memória como construção, tanto individual como coletiva, no que recorreu a Halbwachs, montando um modelo teórico onde a questão da invenção do passado como estratégia de sobrevivência grupal foi analisada com o auxílio de Eric Hobsbawm.

No item 2, tornou-se menos evidente o referencial teórico, autodenominado de “visão crítica da história”, em que a diversificação de fontes permitiria ao leitor certa libertação da visão do historiógrafo. A tarefa seria um tanto quanto difícil, à medida que por mais diversificadas que fossem as fontes, foi o próprio historiador que as selecionou e inseriu no trabalho, logo, tendo sobre elas um domínio que o leitor não possuiria. Mas foi o único autor que expôs trechos sobre o significado de uma narrativa em um painel histórico, caracterizando-se como a exceção, considerando que as narrativas não poderiam ser inseridas como verdade dos fatos, mas construídas

por múltiplas influências, tanto contextuais quanto pessoais.

Percebeu-se alguma influência da corrente da Nova História em alguns trechos que mencionaram a importância do presente nas questões elaboradas sobre o passado, nas releituras de sentido especulativo e pelo recurso da diversificação das fontes.

A inserção das fontes orais, nos trabalhos 2, 4 e 5 justificou-se, tendo em vista que tanto os referenciais marxistas como os da Nova História não estão comprometidos com apologias às elites detentoras do poder político e econômico. Dessa forma, estão relativamente libertos (dependendo da tendência adotada dentro dessas grandes linhas de interpretação) dos mecanismos que direcionam necessariamente a documentos oficiais e, portanto, a fontes escritas.

A orientação teórica adotada nesses trabalhos foi coerente com a opção de utilizar fontes orais, seja para trabalhar com categorias em posição subalterna na sociedade, trazendo à tona lutas que reafirmam a visão do desenvolvimento dialético permeado de contradições e embates, seja para reafirmar a pertinência de diversos tipos de vestígios que auxiliariam a resolver as problemáticas trazidas pelo presente.

O caso do item 4 é típico em um trabalho apressado e de sentido bem mais político do que histórico. Sem maiores preocupações metodológicas, coteja bibliografia para recriar contextos e os depoimentos inserem-se em capítulo à parte. Apenas nos itens 3 e 6 as fontes orais são preponderantes, ressaltando-se o fato do item 6 projetar uma pesquisa de caráter mais amplo do que o artigo publicado, no qual, entretanto, as fontes orais conduzem o raciocínio do texto.

b) Tratamento das Fontes Orais

Análise da entrevista	Item 1 - Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul	Item 2 - Muckers - Fanáticos ou vítimas?	Item 3 - Entre o passado e o desencanto
Conhecimentos da análise de discurso ou conteúdo			
Depoimento não analisado, simplesmente arrolado			Sim
Conhecimentos históricos ou com recurso a outras Ciências Humanas			
Depoimento analisado com base no senso comum ou técnica própria	O autor não pretende analisá-los, mas apenas tecer impressões (ver p.177). Escolhe alguns trechos, que o impressionaram, de algumas entrevistas. É o único trabalho que relata a reação de alguns entrevistados ao entrevistador.	Senso comum. Exemplo.: "O que é incontestável e se sente na região é o respeito que as pessoas têm pela figura de Jacobina". (p.98)	
Análise da entrevista	Item 4 - A Legalidade	Item 5 - Colonos, carreteiros & comerciantes	Item 6 - Rio Grande do Sul: quatro séculos de história. Artigo: "Sangue, suor e lágrimas - narrativas da colonização italiana em Santa Maria".
Conhecimentos da análise de discurso ou conteúdo			
Depoimento não analisado, simplesmente arrolado			
Conhecimentos históricos ou com recurso a outras Ciências Humanas		A base da análise são os estudos sobre a memória, amparado sem conhecimentos históricos.	A base da análise são as reflexões históricas sobre memória e tradições de Hobsbawm e o conhecido trabalho de Ecléa Bosi.
Depoimento analisado com base no senso comum ou técnica própria			

Em princípio, o item 1 esclarece que não pretende analisar os depoimentos, procurando apenas colocar suas impressões sobre os relatos e as reações dos depoentes, sem trabalhar algum tipo de técnica. O item 2 acompanha-o; já nos itens 3 e 4 não existe qualquer tipo de análise, sendo os depoimentos simplesmente arrolados.

O maior aprofundamento ocorre no item 5, exceção em trabalhos dirigidos ao público culto, mas não especializado, os quais, independentemente do autor ser um acadêmico, buscam popularizar a linguagem e tornar as análises mais digeríveis.

Trabalhando com elementos relativos à memória e à História, o autor analisa, de forma produtiva, erudita e, ao mesmo tempo acessível, as direções, hesitações, reelaborações das narrativas. Procura explicá-las e ligá-las ao espaço construído historicamente pelos antepassados e narradores contemporâneos.

A herança social perpassa todas as falas e o esforço de interpretação destas influências, por parte do autor, auxiliado pelos estudos sobre memória e História, resgata um cotidiano de tensões, dificilmente traduzível apenas com documentação escrita.

Também produtiva é a análise realizada pelo item 6, o qual embasa seu raciocínio nas noções de memória e História, sendo que a utilização de elementos das reflexões de Hobsbawm sobre construções culturais, as denominadas “invenções de tradições”, são particularmente úteis.

Um olhar sobre trabalhos realizados com fontes orais indica possibilidades de interpretá-las de forma metodologicamente acessível, como é o caso descrito no artigo de Harrits e Scharnberg (2000:30), os quais relatam sua experiência com depoentes, inclusive de cultura referencial bastante diversa das suas. Segundo os autores, as pessoas aprenderiam através da prática que raramente as colocaria em contato com uma grande variedade de áreas sociais. Aos intelectuais, caberia juntar esses pedaços de conhecimento, encontrados por toda parte, e fazer um

retrato do todo e de seus movimentos, encaminhando-se o verdadeiro sentido do passo chamado análise.

A interpretação passaria pela descrição, expressando o primeiro nível das reflexões sobre a questão de como era a experiência? O próximo nível estaria relacionado com a questão indireta de quais eram as causas daquela sensação.

O depoente, denominado pelos autores como contador de histórias, trabalharia sua própria história de vida como um historiador, e a reflexão vincular-se-ia a uma perspectiva de história de vida.

Através do raciocínio, a reflexão poderia afastar-se da perspectiva de história de vida e assumir uma perspectiva social. Ao raciocinar, o contador interpretaria sua própria experiência em relação a complexos de problemas do presente ou de antes do presente. Ao fazê-lo, expandiria o âmbito da narrativa de tal modo que ela não cobriria mais apenas sua própria vida, mas abarcaria a sociedade.

Outra possibilidade, mas restrita aos historiadores de formação acadêmica, seria a análise do discurso que os permitiria desvelar o conteúdo dos significados, do aparente dito, do já-dito, para a análise do que é dito, como é dito, para que é dito e do que não é dito. Esclarecendo a dispersão do discurso e desordem aparente de sentidos, buscando o desvelamento do conteúdo ou o nexo discursivo, pela formação de determinações discursivas, seria possibilitada a passagem da desordem para a regularidade.

Segundo Augras (1997:32), trabalhar toda essa paradoxal riqueza apenas é possível pela análise da linguagem utilizada pelo entrevistado. Nossa escuta é o registro dessa fala. Não esquecendo que o informante não fornece dados, ele nos oferece um discurso. Quando se trata de uma pessoa viva, que interage com outra ao longo da entrevista, é essa dinâmica que se torna a fonte de informação e a única técnica na qual podemos nos apoiar é a análise do

seu discurso, pois os fatos de que dispomos são dados de linguagem.

Um argumento contra a necessidade de analisar os depoimentos poderia ser utilizado a partir da abordagem de Alessandro Portelli (1997) sobre o paradoxo com que se defronta o historiador, ao analisar memórias e mesmo entrevistas. Aponta que as fontes orais, sendo pessoas, não aceitam que sua vida seja resumida a um conjunto de fatos à espera da interpretação de outros, já que a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar.

Pelos dados obtidos dos itens em questão, acredita-se que as reflexões acima são desconhecidas, à exceção dos itens 5 e 6, o que impossibilita a experimentação de uma linha interpretativa ou a opção consciente da não interpretação.

4. Concluindo

Esta amostragem de trabalhos sobre História, em que são utilizadas as fontes orais, oferece uma amostra heterogênea, conforme esperado, à medida que decorrente de autores com formações, objetivos e objetos diferenciados.

A metodologia de trabalho permitiu, entretanto, que, em um quadro aparentemente disperso, fosse verificado que existem semelhanças em alguns percursos. São determinações tanto externas, por parte dos agentes financiadores e público alvo, como internas, resultado da orientação teórica e estágio de preparo dos autores no tratamento das fontes, o que auxilia na análise sobre a atual dinâmica de trabalho com fontes orais.

Verifica-se que, no item 1, são recuperados detalhes de vivências não expostos em documentos escritos, expondo um painel das condições de vida dos imigrantes judeus e seus descendentes, mapeando locais em que se concentravam, tanto na capital como no interior.

Em relação ao item 2, as promessas contidas na orelha do livro, de que os relatos seriam reveladores não se cumpriu. Acredita-se que os moradores forneceram diversas pistas que, devido às dificuldades teórico-metodológicas, impediram que muitas vezes fossem trabalhados trechos de entrevistas com possibilidades de revelar elementos sobre imaginários locais, que são tratados como meras pistas e integram conclusões onde afirmações se auto-explicam ou ingressam na mera ficção.

O item 3 fornece um painel de vivências, cotidianos, dificuldades e visões, na ótica de populares. O organizador e os autores não se manifestam a respeito da contribuição de seu trabalho, mas, na orelha do livro, o professor convidado para escrevê-la (da mesma Universidade que edita o trabalho) lê-se: “A uma primeira vista, poderá alguém questionar a validade dos resultados aqui publicados, até porque as respostas à mesma pergunta, não raro, são divergentes e até opostas. Mas justamente aí está um dos valores da obra: a documentação da verdade de cada um. Estas verdades, distintas ou não, é que devem ser analisadas objetivamente, comparadas, para se ter a verdade maior do grupo”.

O item 4 fornece a construção de imagens interessantes ao episódio, representações do que sentiram à época, reações, detalhes, contestação a algumas versões consagradas.

O autor do item 5, ao tratar do tema da imigração e suas representações, com o auxílio de fontes orais, mostrou os cotidianos como um complexo inter-relacional de temporalidades e de significados em conflito. Dessa forma, configurou-se como o trabalho que conseguiu, com clareza e coerência teórica, montar um admirável painel da imigração com efetiva contribuição das fontes orais.

No item 6, o papel das fontes orais foi fundamental e bem aproveitado, dentro da proposta do autor, o qual considerou as narrativas sobre a imigração e a colonização, elemento fundamental na construção da identidade ítalo-brasileira e, também, para a sobre-

vivência de uma identidade grupal e coletiva, permitindo um inovador estudo sobre redefinição de identidades ligadas ao contexto histórico.

Refletindo sobre os trabalhos abordados, pensa-se que, ao contrário das fontes escritas, que, na maior parte dos casos, repousam em arquivos, o pesquisador que necessita das fontes orais tem que mapear as mesmas dentro de uma perspectiva de dinamicidade do caminho da fonte. Ou seja, a pessoa, muitas vezes, se movimenta, muda-se, não está disponível, ou, até no momento da entrevista, pode apresentar problemas mentais decorrentes do envelhecimento ou de doença.

Mas a maior dificuldade enfrentada pelos pesquisadores em questão não foram as decorrentes da própria instabilidade da fonte oral, em termos tanto subjetivos como objetivos. O que realmente impediu um maior desenvolvimento das propostas para além de meras impressões ou registros históricos foi a convergência das dificuldades específicas ao trabalhar com este tipo de fonte, que ultrapassam as escritas, com as deficiências teóricas, mesmo que acompanhadas das melhores intenções no sentido de valorizar e revitalizar as histórias comunitárias.

Percebeu-se que, na sua maior parte, os trabalhos utilizaram as fontes orais para mera mobilização política, ilustração de cotidianos, tendo a função de compor um painel de divertimentos ou para integrar as rápidas coletâneas de depoimentos sobre determinado tema a ser comemorado, configurando-se em uma falsa modernização em uma historiografia pouco refletida e sem método.

Pode-se concluir, preliminarmente, que a utilização das fontes orais nos trabalhos, apenas em poucos casos, configurou-se em avanço historiográfico, proporcionado pela formação aprimorada de alguns autores, os quais procuraram resolver a difícil equação de produzir historiografia de qualidade, integrando as complexas fontes orais, ao mesmo tempo que tornando-o acessível ao leitor comum.

Referências Bibliográficas

AUGRAS, Monique. História oral e subjetividade. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org.). *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

BECKER, Jean-Jacques. O handicap do a posteriori. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa histórica e análise de conteúdo – Pertinências e possibilidades. *Revista Estudos Íbero-Americanos – PUCRS*, V.XXVIII, n. 1, p.183-194, jun. 2002

DE BONI, Luis e GOMES, Nelci Rogério. *Entre o passado e o desencanto: entrevistas com imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul*. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Porto Alegre/Caxias do Sul. Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983.

EIZIRIK, Moysés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

FELIZARDO, Joaquim J. *A Legalidade – o último levante gaúcho*. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988.

GALVÃO, Antônio Mesquita e ROCHA, Vilma Guerra. *Mucker - Fanáticos ou vítimas?*. Porto Alegre, Edições EST, 1996.

GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992.

HARRITS, Kirsten Folke e SHARNBERG, Ditte. Encontro com o contador de histórias. *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. n.3, jun. de 2000.

LASSWELL, H.D. *L'analyse de contenu et le langage*

de la politique. *Revue Française de Science Politique*. 2 (3), 1952: 505-520

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, n.15. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo. Abril/97.

QUEVEDO, Júlio (org.). *Rio Grande do Sul: quatro sé-*

culos de história. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

TEDESCO, João Carlos. *Colonos, carreteiros e comerciantes*. Escola Superior de Teologia. Porto Alegre, 2002.

ZANINI, Maria Catarina. Sangue, suor e lágrimas – narrativas da colonização italiana em Santa Maria”. In: QUEVEDO, Júlio (org.). *Rio Grande do Sul: quatro séculos de história*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.